

## TESTEMUNHO SOBRE O ZEN EM RESPOSTA A MATOS-CRUZ(\*)

Escrito em 27 de Maio de 1971

(\*) Na dúvida de que me tivesse explicado suficientemente sobre zen, voltei à carga em carta ao paciente José Matos-Cruz, que ainda não era meu compadre nesse ano de 1971

José Matos-Cruz, Meu Amigo:

Anuncias-me um número do teu “Juvenil” dedicado ao budismo Zen e eu rejubilo de franca alegria.

Como sabes - tu que és autor desses belos Poemas Búdicos, tão belos como raros e heróicos, na panorâmica abjecta e triste das nossas pátrias letras aliteratadas - há entre nós parentescos espirituais que, não excluindo discordância e diálogo, têm permitido, através de um ano de troca epistolar, um intercâmbio de energias humanas bastante necessário, aqui onde somos obrigados a desgastá-las na luta imbecil contra os imbecis de todos os matizes.

Ajudaste-me tu a consolidar uma fé budista de que tinha justificados receios em aceitar (se ninguém está connosco e falamos constantemente para o boneco, não será caso para nos convenceremos da nossa incurável des-razão?), e eu creio ter contribuído também para acelerar em ti um processo de maturação que, aliás, tão naturalmente inato em ti, não tardaria a concretizar-se.

O Zen, o budismo Zen, pretexto ou não, serviu-nos de bússola e de ponte. Nunca esquecerei que foste tu a indicar--me a leitura do *Livro dos Mortos dos Antigos Egípcios* e *O Bardo Thodol, O Livro Tibetano de Iniciação no Desconhecido*. A única diferença entre nós dois é que tu sabes tudo isso, enquanto eu tenho de aprender tudo isso.

Por isso e quase como retributo, me sinto obrigado a este desnudar do coração que te envio, a este testemunho muito pessoal sobre o Zen, falando na 1ª pessoa do singular mais do que seria meu desejo e gosto mas que, sobre esse *handicap*, tem a vantagem de usar a franqueza não como uma vaidade mas como uma arma e um abraço, um grande abraço de solidariedade (sobre o quotidiano angustioso e convulso e sufocante) a todos os jovens de boa vontade que sejam efectivamente hoje os contemporâneos do futuro que o futuro espera, aguarda. Para maior glória, não dos deuses, mas da humanidade.

Eis, pois, como vinha a ser redigido desde Maio de 1971 e agora rematado, o testemunho sobre o Zen, onde, em resumo, pretendo explicar porque me converti ao budismo, sem medo que me chamem nomes.

1

Afinal, como poderiam provar (est) as páginas polémicas de um diário crítico que vem sendo escrito desde 1955, vários períodos têm sido aqueles em que tacteio uma identificação e uma saída.

Efectuando uma rápida retrospectiva, recordo alguns e sublinho.

Ao ler Chestov e Artaud, vivi aquilo que designei por "disciplina mística" e que já era, em parte, muito do que o Zen depois me diria.

Depois, todo o impregnamento surrealista, não foi outra coisa do que, mais tarde, viria a conhecer sob a designação de Zen.

Surrealismo e psicanálise (Breton e Jung) andaram muito tempo nas páginas deste diário, e não é de admirar que hoje venha a verificar as imensas afinidades entre psicanálise e Zen, ou o interesse por ele manifestado por psicanalistas como Jung, Erich Fromm e Karen Horney, a qual chegou a visitar o Japão para conhecer ao vivo como funcionava um mosteiro Zen.

Depois, ainda, os períodos de simpatia pelos pensadores (?) existenciais (Camus, Kierkegaard, Fernando Pessoa, Samuel Beckett, Kafka) conduzindo ao niilismo, assinalam outra premonição do Zen.

Não fui eu a descobrir que Martin Heidegger, ao ler pela primeira vez o que o Zen procurava, tivesse exclamado: "Aqui está o que eu toda a vida andei a dizer."

Também um vago contacto com o positivismo lógico e Wittgenstein, contacto proporcionado pelo amigo que foi João Carlos Passos Valente - suicidado aos 23 anos - constituiu uma experiência de "destruição da linguagem" com que o Zen - veria mais tarde - tem tantas afinidades.

Aliás, já em muitas cartas trocadas com João Carlos Passos Valente, o Zen vem citado e já com ele tinha abordado o direito às frases não "terem sentido" lógico.

O encontro com o realismo fantástico foi, de certo modo, um avanço e um recuo, simultaneamente; porque se este movimento seguia a herança surrealista de reabilitar o universo inconsciente, reabilitando o que se designou de irracional, aceitava o que o surrealismo sempre recusara: a ciência e a sua derradeira possibilidade de vir a libertar os homens daquilo mesmo em que foi a ciência a (re)aprisioná-los.

Através de Louis Pauwels, porém, um dos dois autores de *Le Matin des Magiciens* - manifesto do realismo fantástico - tomei contacto com um mundo místico em muito semelhante ao Zen, o de Gurdjieff, experiência que portanto antecipava o que no Zen viria a encontrar.

Anos depois, encontraria na Prospectiva uma *démarche* idêntica à do realismo fantástico, mas sem o misticismo visionário e teilhardiano deste.

De certo modo, a Prospectiva e o realismo fantástico significam, cada um à sua maneira, uma contra-cultura, uma contestação crítica, porque fazem da dimensão "futuro" uma espécie de segunda zona cultural de onde observam a cultura vigente e de onde pretendem agir sobre ela, revolucioná-la.

"Futuro" significou para mim - mais ou menos de acordo com os futurologistas profissionais, cuja preocupação exclusivamente tecnicista me foi logo, escuso de dizê-lo, bastante antipática - uma contra-cultura, ou antes, a cultura voltando contra si própria as suas próprias armas. Sem recusar a técnica, aproveitá-la para a superar. E para a dispensar. E apenas. Eis o que me parece vir ainda na sequência de tudo quanto foi uma pesquisa (a minha) nos domínios do Contra.

2

O reencontro com o Zen propriamente dito, deu-se quando descobri o arroz: o regime alimentar preconizado pelos monges Zen.

Demonstrativo da pouca importância que mesmo os observadores orientalistas dão a este aspecto - quanto a mim o mais importante, do ponto de vista prático e directo - é que nem uma linha (nem uma palavra!) de referência encontrei à alimentação através de um milhar de páginas que li sobre o Zen, das muitas que já circulam no Ocidente sobre o assunto.

A verborreia ocidental é sempre a verborreia ocidental, mesmo quando fala do Zen. E quando se embica para um lado, o resto é silêncio. Nem Fromm, nem Suzuki, nem Merton, nem Allan Watts, nem William Barrett, nem Hubert Benoit, nem Robert

Linsson, nem Nancy Wilson Ross dedicam à Macrobiótica Zen uma linha sequer de advertência ou de remissa.

Prometo estudar este fenómeno mais de espacito. Assim é que Jorge Ohsawa, introdutor da macrobiótica Zen no Ocidente e autor de alguns livros, assume um papel de primeira grandeza, porque único, naquilo que nele nem de redescoberta já se pode chamar, porque se trata, afinal, de uma autêntica (revolucionária) descoberta e (re) criação, a partir de pequenos, breves, quase extintos indícios.

A arte alimentar mais racional de todos os tempos, corria, ao que parece, o risco de se ver para sempre esquecida e perdida: os de fora, porque os preconceitos "culturais" os não deixavam ver coisas demasiado simples e demasiado evidentes para lhes poderem interessar; os de dentro (os próprios monges) porque não se apercebiam do alcance de um regime alimentar que só em contacto e contraste com os absurdos alimentares dos regimes em vigor no mundo ocidental (e toda a agressividade que caracteriza a indústria em geral e as alimentares em particular) se pode avaliar bem no seu poder, no seu alcance, na sua importância e na sua novidade.

Mais dia menos dia, os próprios monges dos mosteiros Zen talvez cedessem (ou cederam já? ou estão em vias de ceder?) às "maravilhas" do super-mercado ocidental e então o ciclo estaria fechado para sempre. A humanidade privada da sua única safa em matéria. de saúde e doença, de recuperação orgânica pela alimentação, de trofoterapia.

Ohsawa, modesto divulgador que se considerava, tem assim direito a uma gratidão sem fim dos que sabem hoje o que é a macrobiótica Zen, porque sabem como elas mordem no que respeita às terapêuticas ocidentais de choque...

Para mim, a Macrobiótica é a minha opção política. E um dia explicarei porquê. Talvez quando não seja necessário, quando a Macrobiótica se transformar no regime de milhões e seja então um facto político-social de indiscutível amplitude.

3

Para contestar e combater o Sistema, qualquer argumento é bom, qualquer pretexto serve, o Zen, ainda que fosse um mero pretexto, como tal serviria bastante bem.

Não me importo de confessar que existe uma certa tentação em aproveitar a sua voga e a sua difusão entre determinados grupos da juventude pelo quais nutro indiscutível simpatia.

Se quiserem, concedo que mais nada existe no Zen que me atraia para ele e que me leve a considerá-lo no centro das minhas actuais obsessões. Para combater o *status quo* tecno-burocrático que nos explora e agride, para oferecer argumentos racionais contra a irracionalidade das nossas cidades e o fascismo quotidiano que nelas impera, para nos defendermos de todas as armadilhas e lavagens ao cérebro de um sistema diabólico, apostado em fazer de nós apenas máquinas de consumo do que a Produção entende meter-nos pela boca abaixo, para compreendermos como se reclamam de científicos os maiores crimes e de verdades racionais os maiores absurdos, as maiores burrices e mistificações, para encontrarmos um norte que nos permita o distanciamento e a crítica, que nas permita fugir ao ópio, ao veneno, ao ódio constantemente instilado por esse *way of life* que é apenas um *way of death*, etc., etc., todos os recursos são bons e todas as desculpas (me) servem.

Se o Zen não fosse mais nada, mesmo assim - recurso e desculpa - servia e já era muito, muito importante.

Mas acontece que o Zen até é, intrinsecamente e para já, muito mais. Só no capítulo alimentar, representa ele uma revolução e bastava isso para o Zen me ter dado, até hoje, muito mais do que tudo quanto me deu a decantada ciência ocidental, que sabe tudo menos do que verdadeira e profundamente importa: como existir e resistir, como viver, como passar as estopinhas cá neste mundo com o mínimo de sofrimento físico.

Curioso é que o homem moderno faz tudo para fugir ao sofrimento físico e por encontrar, em tudo, prazer (aquilo que define como tal ou que supõe tal), mas vai sempre atascar-se naquilo que lhe provoca sofrimento, doença, velhice, abatimento, alienação, anulamento e morte. Nunca vi sistema que mais dissesse prezar a vida, o amor, os passarinhos e o lirismo em geral (já se notou como os filmes americanos chocam os corações sensíveis sempre que há um *baby* para nascer, enfatizando o fenómeno até ao ridículo da comichão sentimental?) e que mais homicida fosse de uma ponta à outra (consultem as estatísticas, se lhes parecer que minto ou exagero: consultem as estatísticas, porque eu não tenho tempo disso, e a intuição do que sei existir me basta; quem precise de números (1) para se convencer, porque só com números se convence, consulte as estatísticas, a ver se minto).

Além destas, estruturais, outras razões há, porém, que perfeitamente explicam uma intransigente adesão ao Zen, talvez não tanto naquilo que ele seja verdadeiramente (e que só anos de prática nos poderão ir transmitindo) mas naquilo em que o vejo identificar-se, a pouco e pouco, com as minhas obsessões de sempre.

- 
- (1) Outra constante, esta dos números. Os maiores crimes terão de ser resolúveis em números para serem crimes, de contrário ninguém acredita neles, mesmo que o fedor dos cadáveres lhes entre pelas casas e pelas narinas dentro. Mas os números têm também, a função de apaziguamento. Reduzido a um número, qualquer hecatombe ou carnificina deixa de ser uma realidade e passa à categoria de abstracção, outra forma de não apoquentar o sono de responsáveis e irresponsáveis. Portanto, com ou sem números, o crime nunca existe...

-----

4

Por, muito que o queiram desprestigiar, designando-o de ascese, de mística, de religião, de apatia nirvânica, todos quantos nunca se deram ao trabalho de investigar o que fosse, o Zen até já presta valiosos serviços ao homem moderno, enredado na teia dourada dos *mass media*. Especialmente àquele homem sem profissão, sem especialidade e sem técnica - a sua profissão é pensar! - que se chama crítico.

O Zen permite, quando compreendido nos seus propósitos básicos, uma plataforma de distanciamento que se torna cada vez mais necessária ao crítico, se este quiser voltar-se sobre o próprio sistema - a estrutura cultural onde vive - em que se encontra mergulhado, do qual lhe é difícil escapar ou evadir-se por momentos que seja e sobre o qual ele tem a função de exercer uma necessária e constante vigilância selectiva, o indispensável saneamento que como crítico e por definição lhe está confiado.

Quando a "loucura" colectiva é de tal forma que, em certos aspectos, todos - não só as maiorias silenciosas mas também as minorias parlantes e bem parlantes, pensantes e bem pensantes -, conseguem a maravilha de consentir no absurdo, no crime, na mentira, no logro e na fraude, só porque tudo isso lhes é impingido, de cinco em cinco minutos, pelos canais vigentes, só porque tudo isso lhes é unanimemente proclamado pelos *mass media* e unanimemente reconhecido e repetido por todos os públicos de todos os *mass media*, o crítico, o pobre crítico vê-se mesmo em palpos de aranha para arranjar, fora do sistema, fora da jaula, fora da estrutura metálica, um ponto de apoio que lhe permita continuar criticando, isto é, vendo as coisas com certa perspectiva e com certo critério.

É então que o Zen lhe pode prestar modestos mas inestimáveis serviços. Dá-lhe margem para aquele recuo sem o qual um crítico deixa de o ser e passa para o outro lado

do *écran*. Nada melhor (dizem os médicos) a um crítico do que um pouco de perspectiva para compreender e denunciar os barretes que às vezes o "senso comum", aliado ao bom senso, lhe pretendem enfiar.

5

Tentei antes justificar a actualidade e o interesse prospectivo do budismo Zen, assinalando uma das suas vantagens práticas para aquele que exerce o ofício de crítico.

Outras maneiras havia, porém e talvez, mais eloquentes e directas de mostrar como o budismo Zen encontrou no Ocidente uma aceitação que pode ser ridicularizada ou menosprezada mas não ignorada: como facto que se tornou, talvez de minorias (activas) mas nem por isso de menor impacto social, estaria perfeitamente justificada a sua presença nestas páginas que pretendem falar de um amanhã-hoje, mais do que de um amanhã-ontem.

Para nos falarem dessa aceitação, podemos escolher, entre muitos outros depoimentos, os testemunhos de Nancy Wilson Ross - que compilou um dos livros mais importantes sobre o budismo zen aparecidos em França, *Le Monde du Zen*, Ed. Stock, 1960 - e o de Allan Watts, apóstolo, como se sabe, das ideias orientalistas entre os «hippies» da Califórnia.

6

A hipertrofia analítica, a divisão das ciências e a especialização do trabalho não só intelectual mas manual, a própria separação entre intelectual e manual, criaram um caos nos costumes do homem ocidental a que ele não pode, com as raras operações e disciplinas de síntese, obviar.

Arte, filosofia, religião, desporto, são tudo actividades de síntese que não chegam a sintetizar coisa nenhuma. A última separação existe sempre, entre acção e pensamento, ainda quando o pensamento adrega de encontrar, rarissimamente ou nunca, o máximo estado de síntese; permanece o hiato, permanece o abismo entre prática e teoria, ideias e vida, cultura e existência, erudição e quotidiano. É evidente que no caos meramente teórico nos ajuda alguma coisa ler Jung, ler Chardin ou ler Toynbee, três filósofos da grande síntese, que até por isso chegam a ser acusados de místicos.

É evidente que, entre quotidiano e escola, o desporto pretende unificar, e a religião, entre cultura e existência, pretende "religar".

Mas o Uno e o Múltiplo - o grande problema para Teilhard de Chardin - persiste. E o caos também.

Neste interim "dramático" - onde há dilaceramento, há drama - o Zen vem, monisticamente, romper a ruptura e o dualismo. Para o Zen só existe experiência, o que significa uma diferenciação fundamental (vital, mesmo, para nós outros, os que sofremos com o divisionismo ocidental) em relação a toda a nossa cultura e seus pressupostos básicos.

Vejam-se as afinidades entre Zen e psicanálise que, por sua vez, desempenha a função primordial que se sabe na literatura e arte europeia, através do surrealismo.

Essas afinidades estão expostas num livro, de que recentemente saiu a edição brasileira: *Zen Budismo e Psicanálise*, ed. Cultrix, São Paulo, 1970, com textos de D. T. Suzuki, Erich Fromm e Richard de Martino. É por aí, nas suas afinidades com a psicanálise, que o Zen encontra inúmeras e inusitadas afinidades, também, com o artista ocidental,

Depois, segundo penso, o artista terá de ser sempre iniciação e prova (Kierkegaard), conceito este que se opõe aos ciberneticistas ou pró-ciberneticistas mas que se aproxima, por exemplo, do que pensa Georges Bataille.

Aliás, o Zen ou qualquer outra profunda experiência existencial, andam sempre ligadas à actividade imaginativa, embora os teóricos do experimentalismo digam que não. São mesmo a mesma coisa.

Imaginar é existir e poeta é o que ainda sabe existir num mundo ocidental que por completo se esquece e aliena disso: ao nosso homenzinho abjecto-objecto basta-lhe consumir. E esta desistência de existir, este homem abjecto, não se encontra apenas nas sociedades ditas capitalistas e do consumo do desperdício: encontra-se em todas onde a tecnologia transformou o homem em robô produtor-consumidor. Em todas onde a revolução existencial está por fazer, ou porque se esqueceram de afazer ou (o que é ainda mais grave) entendem que não é preciso fazer-se.

É nisto - na revolução existencial - que o Zen presta valioso concurso aos homens de amanhã.

7

O assunto Medicina, não me interessa apenas por motivos pessoais de sobrevivência. Se há os infelizes que tiveram a sorte de nunca estar doentes, eu conheci a felicidade de nunca conhecer praticamente aquele estado que se conhece por saúde: logo e como calculas, tive que topar, várias vezes e ao longo dos anos, com o tema Medicina.

Mas, como te digo, não há só razões do corpo, práticas portanto; há também razões teóricas, digamos "filosóficas" para usar um termo bonito. Afigura-se-me que o processo aviltatório da ciência ocidental (a que inevitável e logicamente se agrega a técnica, a tecnologia, a indústria e a industriocracia) começa a descoser-se exactamente por aí, pela ciência médica: talvez por ser a que mais directamente contende com a realidade existencial da pessoa humana, aquela realidade que mais desprezada e menosprezada tem sido pela referida ordem (tecnocrata) de coisas.

A ciência derrotou o homem - e em toda a linha. Resta ao homem dar-se por vencido e com ele a brilhante civilização que criou sob o signo do cálculo, ou procurar meios de se livrar (ainda) da tal tecno-ditadura.

Talvez tenha motivos egotistas (pessoais) para detestar a maquinaria que nos governa e ainda por cima polui os ares, agride os sentidos, congestiona o quotidiano, etc.

"Descontentes da civilização" tem havido sempre e eu serei mais um. No entanto, à parte o rancor pessoal e a pessoal, humoral incompatibilidade, (de temperamento, de sensibilidade, de vísceras, de sistemas simpático e neuro-vegetativo, de inabilidade, etc) minha com o dito sistema, não me parece que objectiva e cientificamente considerado (analisado) tenha muitos motivos a favor.

Quer dizer: uma crítica frontal do sistema engendrado pelo desenvolvimento das ciências (químicas em especial) aplicadas à tecnologia mais desenfreada e ao mercado capitalista da exploração do homem pelo homem, parece-me que se tornou já hoje uma coisa não só corrente mas muito praticada, mesmo entre filósofos e até cientistas de prestígio que se dão ao cuidado de filosofar um tanto, e mesmo entre funcionários zelosos do dito sistema.

Ora eu encontrei no Zen uma das plataformas mais firmes de crítica à lógica inevitável desse sistema: o cientismo, em nome do qual se continuam praticando todos os crimes e mais um. E vi que o Zen oferecia os argumentos mais firmes e mais puros contra a histeria desse cientismo, de que a Medicina sintomática, sob a forma particular da terapêutica química, nos oferece um dos exemplares mais perfeitos.

Não admira, portanto, que a Medicina me tivesse empurrado (é que empurrou mesmo) para qualquer outra coisa que, na emergência e tendo conseguido escapar ao suicídio, foi o Zen.

Por isso o Zen me interessa, embora como ocidental, com todos os vícios mentais que nos informam, pouco ou nada me seja possível adiantar na verdadeira prática Zen. Longe do único ambiente onde o Zen pode e deve ser praticado - o eremitismo de um templo Zen - ele não é senão um longínquo e desejado propósito, que toda a vida será adiado.

Aliás, que sabemos nós fazer aqui, em plena civilização, mais do que distrair e adiar? Vingo-me, ao menos, fazendo a crítica daquilo que detesto, em nome daquilo que possivelmente também detestaria se conhecesse mais de perto: o zen. À distância, porém, serve-me de poderoso argumento e de fervoroso alibi. É só.

*Escrito em 27 de Maio de 1971 ■*